

Giovanni Bosco de Almeida

CALEIDOSCÓPIO

mundo

mágica

transformação

**sala
do**

artista popular

Instituto Nacional do Folclore - Rua do Catete, 179

10

Sala do Artista Popular

O Instituto Nacional do Folclore, da FUNARTE, é um órgão destinado ao estudo, registro, apoio e divulgação das manifestações da cultura popular em nosso país.

Dentro da precisa recomendação da Carta do Folclore de 1951, que estuda a matéria "como integrante das ciências antropológicas e culturais" e "aconselha o estudo da vida popular em toda a sua plenitude", pretende o Instituto Nacional do Folclore focalizar, através de estudos e ações diretas e indiretas junto a comunidades rurais e urbanas, as manifestações culturais geradas por estas, compreendidas num contexto amplo, que abrange desde as determinantes sócio-econômicas até o fazer inventivo de indivíduos e grupos.

Ao reconhecimento e à documentação dessas manifestações acrescenta-se, em igual nível de prioridade, a restituição às fontes desse trabalho, em ação conjunta, sempre que possível, com os segmentos da população envolvidos no processo.

Assim sendo, o Instituto Nacional do Folclore percebe como legítimo os agentes individuais ou comunitários ocuparem um espaço real nesta instituição, de forma a que possam veicular expressões culturais próprias, abrangendo aspectos do fazer e do saber dos segmentos sociais a que pertencem.

Nesta perspectiva, foi criada a SALA DO ARTISTA POPULAR, onde podem expor, vender e mostrar as técnicas

do seu fazer artistas populares e/ou comunidades, visando à apresentação de modos singulares e caracterizados de cultura.

Tal iniciativa vem atender às diretrizes para a operacionalização da política cultural do MEC, no tocante à valorização dos bens culturais ainda não consagrados, bem como da proteção do produto cultural brasileiro através do apoio àqueles rituais e formas de representação — artesanal, musical, teatral e/ou outras — que procedam da experiência coletiva de um grupo pertencente a uma região ou segmento social definido, desde que esteja aí evidenciado um caráter eminentemente popular.

Com respeito à atividade artesanal, fica marcada a intenção de fazer deste espaço um pequeno pólo experimental de escoamento dessa produção.

Neste caso, achamos oportuna a venda no local, já que o produtor está presente, numa relação indissociável do seu produto.

Em um primeiro momento deste projeto, as exposições abordam as seguintes temáticas:

- a) artesanato (cerâmica, fibras, tecelagem, madeira, rendas, bordados, brinquedos, papel, couro, metal, sucatas, instrumentos musicais, etc.), de cunho utilitário, decorativo ou religioso;
- b) pintura popular;
- c) xilogravura e demais técnicas de gravação;
- d) música popular e folclórica;

- e) arquitetura popular;
- f) literatura oral (contador de estória, literatura de cordel, repentista);
- g) instrumentos de trabalho (pescaria, agricultura, caça, etc.);

Para usar as categorias do público interessado, podemos relacionar assim os trabalhos que este Projeto visa apoiar: louça de barro, como panelas, potes, moringas; bonecas de barro, cestos, esteiras, santos de madeira, bonecos de madeira, rendas, bordados, bruxas de pano, lamparinas, mantas, teares, panos, fusos, agulhas de pau, brinquedos de barro, palha, flandres, isopor, máscaras e outros materiais; folhetos de cordel e tacos, pintura sobre diversos suportes, garrafas de areia desenhada, cavaquinhos, flautas, caixas, triângulos, pandeiros, reco-recos, ganzás, chocalhos, violas, rabecas e outros, feitos à mão, de qualquer material.

A apresentação de músicos como repentistas, regionais, violeiros, coqueiros, cantadores, está igualmente prevista, bem como a de contadores de estórias e cordelistas.

Pessoas que têm por profissão construir casas de moradia ou de outro tipo, bem como artesãos de mesas, bancos, cadeiras, etc., podem também apresentar na Sala o seu trabalho, através de fotografias e depoimentos. Tudo aquilo que é feito à mão para o trabalho de pesca, da lavoura e da criação de gado diz também respeito à Sala do Artista Popular.

A Comissão para seleção e organização das exposições é composta pela Diretora do INF e pelos Assessores Técnicos Dinah Guimaraens, Elizabeth Travassos, Ana Margarete Heye e Ricardo Gomes Lima.

Entre os critérios da Comissão, estão a prioridade dos pedidos e também a preocupação de atender solicitações dos diversos estados do país, justificando a amplitude nacional que a FUNARTE deseja imprimir aos seus projetos.

Lélia Gontijo Soares

A Sala do Artista Popular já por duas vezes apresentou textos de expositores, de artistas que escrevem sobre sua arte e sua vida: Antonio de Oliveira, descrevendo o mundo mágico de sua infância¹, e Cesar Siry, relatando as experiências de seu dia-a-dia e suas aspirações². Agora, com a exposição de Giovanni Bosco de Almeida e seus caleidoscópios, acrescentamos mais um item à pequena mas significativa bibliografia de textos de artistas refletindo sobre sua obra. O depoimento escrito por Giovanni, essencialmente autobiográfico, é completo, e seria uma impertinência acrescentar algo a suas páginas. O que se segue, portanto, são reflexões fragmentadas sobre o que representa para o artista o ato de refletir, através da palavra escrita, sobre sua obra. O uso repetido das palavras *reflexão* e *fragmentação* representam a tentativa de recapturar a sensação que se tem olhando através do caleidoscópio — a visão de algo simétrico, coerente em si, constantemente mutável, jamais reproduzível. A imagem formada pelo prisma triangular é composta a partir de pequenos fragmentos coloridos, que formam uma imagem coesa através do jogo da reflexão. O retrato que o artista faz de si mesmo, refletindo, trazendo recortes de sua experiência, completa, com a palavra, a imagem que temos de sua obra.

No caso de Giovanni, a reflexão abarca também a
3 terceira face do prisma, pois, além de escrever sobre si

próprio, observa o descreve os outros. Sua pequena monografia "Os Sonoros Pífanos de Sertânia", publicada pelo Centro de Estudos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco, revela um etnógrafo cuidadoso e sensível. Segundo Roberto da Matta, "todos os etnólogos são muito parecidos com os grupos que estudam. A antropólogos sofisticados correspondem grupos sofisticados; aos tímidos, sociedades tímidas; aos artistas, tribos de homens e mulheres supersensíveis"³. Se é válida a observação (e acredito que seja), o parágrafo abaixo seria o retrato não só dos músicos de Sertânia, mas também do autor: "Os tocadores de pífano transcendem a dor infligida pelas secas e são totalmente desprezenciosos em outros aspectos que não sejam apenas o de fazer música, e isso é motivado pela necessidade implícita de revelar uma emoção através do que realizam, conservando, onde quer que aconteça, uma raiz comum que denuncia a consagração da arte: a faculdade de sensibilizar o espírito"⁴.

Gira-se o caleidoscópio e a imagem muda: estamos num dia chuvoso de julho em Olinda, o fotógrafo Josenildo Freire, Giovanni e eu, almoçando no restaurante de Zé Pequeno. Conversamos sobre a Feira do Artesão, na Praça do Jacaré, em Olinda, da qual Giovanni participa e que, segundo ele, é muito desarticulada. Comento que isto é um problema geral do artesanato, uma das grandes preocupações

do INF é a questão da comercialização do artesanato e o fortalecimento das associações de artesãos. Giovanni sente-se ligado tanto ao grupo da Feira do Artesão quanto à Associação dos Artistas Plásticos e diz: "Artes plásticas é a criatividade, artesanato é mais repetitivo", quando pergunto sobre a distinção que faz entre os dois grupos. O caleidoscópio, segundo ele, é uma mistura de artesanato com artes plásticas.

Outra imagem: na casa de Giovanni, observo sua mesa/oficina, muito organizada e com arrumação impecável. Uma fileira de potes de vidro contém pedacinhos coloridos, e Giovanni diz que compra vasos, pentes e outros objetos de plástico para quebrá-los. Relata divertido: "Quando compro, perguntam se é para embrulhar, eu digo que não precisa, eu quebro aqui mesmo — pensam que sou maluco".

Interessante é a analogia que Giovanni faz do caleidoscópio com o ser humano: "O prisma é a alma do caleidoscópio, o tubo é o corpo, e os pedacinhos que se movem são a vida".

Última girada: o processo de manufatura do caleidoscópio não é, em si, muito complexo. O difícil, o mágico, a transformação e a arte ficam por conta da escolha e combinação dos pedacinhos coloridos que são a vida do brinquedo, e que tão bem Giovanni Bosco de Almeida sabe fazer.

Ana M. Heye
Agosto 1984

DEPOIMENTO

Nasci no Recife/PE, em 31 de julho de 1948, onde vivi a maior parte de minha vida. Em 1980 fixei residência em Olinda, cidade hoje reconhecida pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade.

Nessa cidade, fundada em 1535, vive uma grande parte dos artistas pernambucanos. O ambiente, por sua arquitetura, onde igrejas, conventos, mosteiros e casario impõem os estilos colonial e barroco, inserida numa vegetação que, em parte, formou o primeiro jardim botânico da América Latina, dá aos seus habitantes permanente contato com a Natureza. E tudo isso banhado pelo mar, o que faz de Olinda um lugar simples, bonito, acolhedor, onde a arte, naturalmente, está presente no cotidiano de cada um de seus habitantes. E nesse contexto eu vivo, embora um pouco na periferia da cidade, mas com toda disposição para fazer meus caleidoscópios e mostrá-los como mais um dos aspectos da arte de Olinda.

Quando eu tinha 12 ou 13 anos de idade — ainda ajudava missa na Capela do Colégio Nóbrega (Recife), pois inicii-me como acólito aos 7 anos — o Padre Silva (Mesquita) me mostrou um caleidoscópio, que, até então, eu desconhecia totalmente. A agradável surpresa foi imensa e logo desejei saber como adquirir um. O bom sacerdote me convidou a ir com ele à residência da comunidade jesuíta, onde mantinha uma oficina mista de eletrônica e caleidoscópios. Aí, entre aparelhos de rádio, medição e diversos outros, eu construí o meu primeiro caleidoscópio.

Nessa época, claro, tudo era bem mais difícil e muita coisa era desconhecida por mim. Os tubos, por exemplo, eu os fazia, com orientação do padre, com camadas de cartolina intercaladas com cola de dextrina, cuja forma era um cilindro de madeira revestido de papel impermeável. A demo-

ra em concluir um destes tubos estava na secagem das sucessivas colas, até que obtivéssemos a rigidez ideal.

Hoje, utilizo, para este fim, tubos de papelão, nos quais as fábricas enrolam tecido plástico para as vendas.

A partir da aprendizagem, os materiais utilizados se diversificaram, as técnicas de montagem e acabamento se aperfeiçoaram e, embora o "design" tivesse ficado praticamente inalterado, a apresentação melhorou consideravelmente e, atualmente, a tenho como ótima.

Relativamente à formação das imagens, com as experiências ditadas pelo tempo, descobri muita coisa e corriji muitas outras.

Por exemplo, eu coletava muitos pedaços de vidro e alguns recortes de papel de bombom (celofane estampado); cheguei às seguintes conclusões: o vidro sobre vidro, nos constantes movimentos do brinquedo, vão-se arranhando e logo tornam-se foscos, tirando a luminosidade essencial no caleidoscópio. Já com o papel, este vai-se enrolando sobre si mesmo e logo desaparece do campo de visão, ou, por vezes, surge como um elemento desinteressante e, como no caso dos vidros arranhados, diminuindo a transparência dos outros elementos.

Atualmente, utilizo apenas dois pedaços de vidro em cada caleidoscópio, por vezes um apenas: um azul cobalto, de cristal (antes era dos frascos de "Leite de Magnésia") e outro verde, da garrafa de certo uísque. Os outros vidros e papéis eu substituí por acrílico, plástico rígido, náilon, cordinhas plásticas que servem para varal, "espaguete" que serve para cobrir cadeiras, etc. De princípio, tudo que é transparente e colorido serve.

Algumas pessoas me aconselharam e ainda me aconselham a substituir os vidros da câmara do caleidoscópio por acrílico. O interior, por acrílico transparente e fosco, exte-

rior, pelo tipo "leitoso". Eu, tradicionalista de caráter, prefiro manter a apresentação original, pois os vidros valorizam muito mais a peça. Alegam as pessoas que, com vidros, o caleidoscópio torna-se vulnerável às quedas e pancadas. Eu replico: um relógio ou outro instrumento não se cuida para que não caia?

Conheço pessoas que têm caleidoscópios há anos, em perfeito estado.

Desde que aprendi a fazê-los, vendi muitos. No início, eu os construía apenas nas férias e por encomendas. Mas eram, comparados com os de agora, simples demais e não despertavam tanto interesse, como os atuais. Eu, às vezes, os presenteava mais do que vendia, pois a inflação permitia que a gente fosse mais liberal nesses aspectos.

Uma tarde de dezembro — 1962 ou 63 —, chegou lá em casa o diretor da então Clínica de Combate ao Câncer e me encomendou vinte caleidoscópios. Até aí ninguém tinha me pedido mais de dois. Foram entregues no prazo previsto, pelo que recebi Cr\$ 50,00. Um dinheirão.

Depois houve uma época de sucessivas mudanças de casa e, pelas circunstâncias advindas, passei a dedicar-me ao amadorismo do rádio e da astronomia e ainda sob a tutela intelectual do Pe. Silva, que, nessa época, foi transferido para São Paulo, e eu fiquei desenvolvendo minhas próprias idéias, mas sempre, e até hoje, com base nos úteis, perfeitos e práticos ensinamentos daquele amigo religioso.

Entre 1978 e 1979 eu havia desistido de fazer caleidoscópios. Houve a morte de mamãe, que era grande entusiasta do meu trabalho e às vezes mesmo me ajudava, quando os nossos dezessete gatos e/ou as tarefas da casa deixavam-na desocupada por instantes.

No início de 1980, um amigo meu — Rivaldo Lopes —, viu casualmente três lâminas em minha estante, perguntou-

me para que serviam, no que respondi, mostrando-lhe o efeito da disposição em forma de prisma. A partir desse momento o entusiasmo do amigo contagiou-me e fundamos a "Officina 46".

Devo esclarecer que 46 é o número da casa onde moro e mantenho a oficina de trabalho. Trabalhamos juntos por mais de dois anos, até que ele tomou rumo diverso na vida e eu continuei à frente da Officina, cada vez mais empenhado em aprimorar o meu trabalho, principalmente pelos incentivos que me chegam por parte do pessoal que compra meus caleidoscópios.

O meu grande interesse em divulgar meus caleidoscópios, na Cidade, no País e mesmo, com certa dose de vaidade, pelo Mundo, deve-se talvez à necessidade de contrariar André Gide, que, em seu livro "Se o Grão não Morre", afirma: "...um brinquedo pelo qual eu era doido; esse instrumento de maravilhas que se chama caleidoscópio... creio que as crianças hoje não o conhecem mais". Isso na Europa e há muitas décadas passadas. Ou para homenagear Cecília Meireles, que diz em sua autobiografia: "...essa sempre foi a área de minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos,..."

Além das muitas encomendas que me fazem todo o ano, tive o prazer de mostrar o meu trabalho, por iniciativa do Departamento de Educação da Fundação Joaquim Nabuco — Dra. Graziela Peregrino —, que organizou uma mostra de caleidoscópios na Escolinha de Arte do Recife, na Semana da Criança de 1983, durante dois dias.

Mostrei-os também ao movimento lítero-recreativo-cultural denominado Balança Coreto (devido sua realização ter sido em torno do famoso coreto da Praça da Preguiça), de iniciativa da Prefeitura de Olinda.

Ultimamente, no primeiro domingo de cada mês, par-

ticipo da Feira do Artesão, na Praça do Jacaré, em Olinda, onde apenas o artesão pode participar com o seu próprio trabalho, sendo vedada aos intermediários.

Este ano, participei da Semana Latinoamericana de Folclore e Artesanato, realizada pelo Centro de Cultura L. Maciel, em Caruaru-PE., que se realiza paralelamente ao Drama da Paixão, que acontece em Nova Jerusalém, localidade próxima àquela Cidade.

Creio que, de acordo com uma determinação minha e que retifico a cada dia, deverei por toda minha vida fazer caleidoscópios, pois o prazer é imensamente gratificado pelas expressões de contentamento de cada um que olha e vê as imagens mutantes do brinquedo mágico que um dia, há tantos anos passados, aprendi a fazer.

Giovanni Bosco de Almeida
Olinda, abril de 1984.

NOTAS

¹ OLIVEIRA, Antônio de. *O mundo encantado de Antônio de Oliveira*. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1983. 112p. il. (O artista popular e seu meio, 1).

² SIRY, Cesar. *Depoimento*. Catálogo Sala do Artista Popular 7. MEC/SEC/FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1984.

³ MATTA, Roberto da. *O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues*. Rio de Janeiro, 1978. Boletim do Museu Nacional, Antropologia, Nova Série, nº 27).

⁴ ALMEIDA, Giovanni Bosco de. *Os sonoros pífanos de Sertânia*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco. Instituto de Pesquisas Sociais, 1983. (Folclore, 139).

MEC/SEC/FUNARTE
INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE

Diretora: *Lélia Gontijo Soares*

Comissão Responsável pela Sala do Artista Popular:

Ana M. Heye

Dinah Guimaraens

Elizabeth Travassos

Ricardo Gomes Lima

Fotografias:

Josenildo Freire (FUNDAJ)

Projeto Gráfico e Arte-final:

Marcio Cyranka do Rego Monteiro

Apoio:

Fundação Joaquim Nabuco – Recife

Casa de Cultura São Saruê – Rio de Janeiro